

A CONCEPÇÃO RACIONAL DO CONSTRUTIVISMO MEDIANTE A PERSPECTIVA DE ENSINO E APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

José Roberto da Silva¹
Francineide Costa Morais²

RESUMO

A Educação se configura como um dos patrimônios da humanidade, caminho pelo qual a mesma pode evoluir e resguardar a sua cultura, a sua história e seus grandes feitos, enquanto as teorias educacionais se apresentam como estruturas que proporcionam métodos educativos para aquisição de novos conhecimentos dos educandos. Dentre estas, destaca-se o construtivismo, cuja defesa encontra-se na concepção de que o sujeito é autor e agente ativo da construção de seu conhecimento. Neste sentido, o objetivo aqui é fazer uma análise da concepção racional do construtivismo mediante a perspectiva de ensino-aprendizagem das crianças do Ensino Fundamental, de forma a investigar esse processo dentro do âmbito escolar. Para tanto, utiliza-se uma abordagem qualitativa, a partir de uma revisão bibliográfica sobre o construtivismo – processo que se pauta em experiências, interesses e conhecimentos prévios que motivem a ação reflexiva do educando, sua dimensão organizativa e sua criatividade, relacionadas às informações que este adquire, tendo por mediador o professor. Logo, as contribuições do construtivismo, aliado ao empenho do educando, pode levar ao desenvolvimento da capacidade de busca de soluções e de levantamento de hipóteses por parte educando para que ele chegue à resolução de problemas por meio de suas próprias conclusões, a partir de seus comentários sobre o meio em que ele está inserido.

Palavras-chave: Educação. Teorias do Ensino. Processo Ensino-aprendizagem. Construtivismo.

1 INTRODUÇÃO

A educação é um dos grandes valores da humanidade, sendo por meio dela que o ser humano pode progredir, criar, inovar, sempre com o intuito de proporcionar mudanças significativas no ambiente em que se está inserido.

O processo de ensino aprendizagem é muito diverso, porém é por meio dele que se dá a aquisição de conhecimentos necessários para a vida em sociedade. Dentre tantas teorias uma se destaca, o construtivismo, desenvolvido por Jean Piaget que, em sua concepção defende que o sujeito é agente de seu próprio conhecimento, competindo a este aprimorá-lo.

O construtivismo vai em sentido contrário às demais teorias da aprendizagem que geralmente têm o professor como agente do conhecimento; o construtivismo vê a possibilidade

¹ Doutorando em Ciências da Religião, pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP e professor de História da Igreja da Faculdade Católica do Rio Grande do Norte – FCRN. E-mail: josefranciscano@hotmail.com

² Mestre em Ciências da Educação. Professora de Ensino da Arte da rede municipal de Mossoró-RN. E-mail: neidinha.c2010@gmail.com

de o ensino ser uma realidade coletiva centrada no próprio educando, em que ao professor compete ser o mediador e estimulador do processo de ensino-aprendizagem.

Neste sentido, o que se busca é fazer uma análise da concepção racional do construtivismo mediante a perspectiva de ensino-aprendizagem das crianças do Ensino Fundamental, de forma a investigar esse processo dentro do âmbito escolar.

Para melhor entender a estrutura deste trabalho está organizado em dois itens: o primeiro, disserta acerca do processo de aprendizagem em que se aborda esse processo e suas complexidades; no segundo descreve a teoria do construtivismo em sala de aula, no qual se aborda o construtivismo como um referencial para a prática pedagógica e para o processo de aquisição de conhecimento.

2 O PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

O ser humano é um ser dotado de razão e inteligência, nisso se difere dos demais seres vivos. No caminho de sua formação, existem algumas ações das quais têm o objetivo de fazer com que a criança desde a sua fase mais tenra, possa adquirir conhecimentos que lhe serão importantes para a vida e no seu processo de maturação. A essa formação se dá o nome de processo de ensino-aprendizagem.

O processo de ensino aprendizagem tem algumas peculiaridades que às vezes dificultam o seu entendimento. Segundo Lakamony (2008), a aprendizagem é de forma geral confundida pelos docentes, pois, estes não têm conhecimentos de forma geral do que se passa no íntimo do educando quando este aprende. Exemplo disso é algumas defesas que uns fazem de que o processo de ensino aprendizagem é feito pela repetição e pela imitação, de forma que, só se centra em situações observáveis, sem se referir às intervenções mentais que são características do processo de constituição do conhecimento.

Neste sentido, se pode observar certa complexidade no tocante ao conceito de aprendizagem, pois, este envolve a influência mútua de distintos fatos, os quais se compreendem de forma específica como, por exemplo: Matemática e Português. E por esse caminho se vai a compreensão do que seja o ensino.

Dentro desta visão se pode afirmar que:

O aprendizado consiste em uma mudança relativamente persistente no comportamento do indivíduo devido à experiência. Esta abordagem, portanto, enfatiza de modo particular a maneira como cada indivíduo interpreta e tenta entender o que acontece. O indivíduo não é um produto, relativamente

mecânico, do ambiente, mas um agente ativo no processo de aprendizagem, que procura de forma deliberada processar e categorizar o fluxo de informações recebido do mundo exterior. (FONTANA, 1998, p, 157 *apud* LAKAMONY 2008, p. 16).

Como se pode perceber, é uma conversão, ou seja, é um processo de mutação constante em que atua sobre o sujeito proporcionando-lhe a possibilidade de entender o que se passa no mundo ao qual está inserido. Deste modo, o sujeito não é um ser apático, desprendido da situação, antes, ele é um ser que possui a sua ação dentro desse processo de ensino aprendizagem.

Lakamony (2008) elenca duas situações que estão ligadas a esse processo em que:

A aprendizagem ocorre quando, por meio de uma experiência, mudamos nosso conhecimento anterior sobre uma ideia, comportamento ou conceito. Ela também acontece quando nós mudamos nossos comportamentos, como por exemplo, a decisão de parar de fumar depois de assistir a uma palestra sobre as consequências nocivas do fumo para nossa saúde. (LAKAMONY, 2008, p. 17).

Ainda seguindo o raciocínio de Lakamony (2008), é de suma importância compreender que para aprendizagem acontecer, se faz necessário que exista um intercâmbio ou troca de experiências entre o sujeito e o local em que ele está envolvido (Escola, família), pois, só a partir desse relacionamento é que o sujeito desenvolve o seu potencial cognitivo e, por conseguinte, o seu saber.

2.1 Algumas concepções de ensino aprendizagem

No século XX vários foram os estudiosos que se colocaram para contribuir com o processo da educação em todos os setores, principalmente no que toca ao processo de ensino aprendizagem. Neste contexto, Kuhn tem grande destaque por ser um dos primeiros a ver a necessidade de quebra do paradigma para o progresso desse processo educacional, em que apoiou de forma direta. Neste sentido, cada concepção tem uma visão do processo de ensino aprendizagem e faz a sua aplicação neste campo.

Para o racionalismo, o conhecimento humano é imagem de estruturas inatas, ou seja, que não são tocáveis, como o aprendizado da atualização é o que se aprende desde cedo, mesmo sem sabê-lo por completo, nós o sabemos; ao passo que para o empirismo, o conhecimento humano é espelho da estrutura do ambiente em que se está situado, de forma que o aprendizado é uma forma de reprodução da informação que se recebe.

Na opinião de Souza (2006, p. 41), o processo de ensino aprendizagem na concepção empirista se caracteriza:

[] pela ação determinante dos estímulos selecionados pelo professor, que escolhe conteúdos didáticos e instrumentos com vista à aquisição de conhecimentos pelo aluno. O aluno é passivo e considerado como uma *tabula rasa* – ou “disquete virgem”, para usar uma metáfora moderna – onde serão depositados os conteúdos. Paulo Freire (1970) chamou a este processo de ‘educação bancária’, pois estava baseado em ‘depósitos’ de conhecimento que eram realizados no ‘banco’ do aluno. O conhecimento, nesta concepção, é atomístico e não relacional.

Como se pode observar, para o autor, o professor é o centro dessa teoria, o qual suscita o estímulo dos alunos, por meio dos conteúdos por ele escolhidos, com o intuito de propiciar para o aluno a aquisição de conhecimentos. Em contrapartida, o aluno é um ser apático, o qual somente é um receptor de conteúdos, sendo um banco de dados, no dizer de Paulo Freire, de forma que o conhecimento é centralizado e não relacional.

Neste cenário do processo educativo do construtivismo, destaca-se o francês Jean Piaget, o qual sendo seguidor da linha de raciocínio kantiana, contribui com novo enfoque dessa filosofia para o construtivismo. Segundo Pozo (2008, p 48), Piaget é o “[...] precursor e ainda hoje máximo expoente desse enfoque em psicologia (seguindo Tolchinsky, 1994, poderíamos dizer que Piaget é o Picasso do construtivismo psicológico)”.

Desse modo, se pode entender que não é a experiência de conhecimentos anteriores que determina um padrão construtivista. É a própria essência dos procedimentos por meio da qual esses conhecimentos precedentes mudam, desde a acomodação da estrutura para o novo conhecimento, nos termos piagetianos.

Contrariamente às posições racionalistas, na teoria construtivista existe um verdadeiro teor de mudança, entretanto, diferente das teorias associacionistas, em que não se refere somente a uma mudança quantitativa (na possibilidade), mas, qualitativa (no significado dessa resposta), não é somente uma multiplicação de respostas já prontas, mas também de gerar novas soluções; não é uma transformação gerada no ambiente externo, mas, na própria ansiedade interna de se reestruturar novas informações ou de fazer uma correção de seus desequilíbrios (PIAGET, 1975).

Desde contestações entre a Gestalt e o comportamentalismo sobre a função da prática e da geração de novas respostas, ou a contestação empirista com relação aos mesmos feitos dessa nova prática no desenvolvimento cognitivo piagetiano para alcançar a mais nova objeção entre Piaget e Vygotsky (ou de seus seguidores e herdeiros intelectuais) ou a disputa viva sobre o

emprego da consciência no âmbito da psicologia cognitiva da aprendizagem, são cada vez mais os adversários e as opções teóricas.

Grande parte dessas lutas torna-se uma inútil batalha dos dois pontos de vista, decidido a não se entender uma vez que falam de coisas diferentes e manipulam conhecimentos diferentes (CARRETERO, 2002). Essa batalha inútil se deve em boa parte à crônica inclinação reducionista, que por sua vez infecta grande parte da psicologia, sendo, desse modo, um detrito a mais do positivismo coerente de sua vã busca de um conhecimento, baseado em normas universais, num reducionismo de todo o saber a alguns títulos únicos e gerais.

Na opinião de Skinner (2003), todas as classes de vida social e cultura são abrangidos os procedimentos associativos de condicionamento. Outros comportamentalistas, no entanto, tiveram menos pretensão e suas teorias reducionistas consequentemente foram mais abreviadas. Porém, como foi dito precedentemente, o comportamentalismo, na condição de teoria humana, assume que todo o comportamento do ser humano é aprendido, de forma que toda aprendizagem pode ser associativa.

A concepção essencial do construtivismo está relacionada com a teoria psicológica da aprendizagem, pois, em contrapartida, fica em lugar normal numa bela translação desprovida de teor psicológico. De fato, em alguns ambientes educativos o construtivismo começa agora a ter um foco maior, de forma que surge uma tendência construtivista, na qual todos os envolvidos são construtivistas e convidados a colocar o que entendem sobre essa concepção.

A teoria de Newton do movimento construtivista é uma teoria que pode ser assimilada aos conhecimentos que os alunos já possuem em que se conduz para uma deformação dessa teoria. Esta forma de aprendizagem é denominada de construção *estática do conhecimento*. Esta teoria é a que se apresenta mais aproximada de Jean Piaget (1974), o qual denomina de assimilação.

É o que se pode conferir dando uma rápida olhada no perfil deste educador, que de forma essencial, contribuiu para educação no século XX:

Os conceitos-chave da teoria de Piaget (1971, 1973, 1977) são assimilação, acomodação, adaptação e equilíbrio. A assimilação designa o fato de que é do sujeito a iniciativa na interação com o meio. Ele constrói esquemas mentais de assimilação para abordar a realidade. Todo esquema de assimilação é construído e toda abordagem à realidade supõe um esquema de assimilação. Quando o organismo (a mente) assimila, incorpora a realidade a seus esquemas de ação impondo-se ao meio (MOREIRA, PALMEIRO; SAHELICES, 1997, p. 4).

No momento em que os esquemas de assimilação não conseguem absorver o conteúdo, a mente não se sente estimulada para tal e se modifica, deste modo, desiste ou muda. Em se tratando da modificação, esta conduz para a acomodação, que é uma reestruturação da estrutura cognitiva, da qual resulta em novas estruturas; se o meio não resulta em problemas, a ação da mente é sempre de assimilação, entretanto, reto a elas se reestrutura (acomoda) e progride.

No entanto, se este equilíbrio é quebrado, por experiências inassimiláveis, a mente se organiza (acomoda) com o intuito de construir novos esquemas de assimilação para atingir novas construções, para se chegar a um novo equilíbrio. Esse processo de equilíbrio Piaget denomina de *equilíbrio marjorante* o qual é responsável pelo desenvolvimento cognitivo do indivíduo. É por meio deste equilíbrio marjorante que o conhecimento humano é constituído de forma total em relação com o meio sócio-cultural e físico.

Pode-se dizer que Piaget:

[...] não enfatiza o conceito de aprendizagem. Sua teoria é de desenvolvimento cognitivo, não de aprendizagem. Ele prefere falar em aumento de conhecimento. Nesta perspectiva, só há aprendizagem (aumento de conhecimento) quando o esquema de assimilação sofre acomodação (MOREIRA, PALMEIRO; SAHELICES, 1997, p. 4).

Como se pode perceber, para os autores, Piaget enfoca mais o aspecto do desenvolvimento cognitivo da criança do que propriamente a aprendizagem, em que neste caso, ele coloca que só se pode ter um processo de progressão do conhecimento, no momento em que há uma acomodação da parte da criança, pois, entende que é pela acomodação que a criança vai adquirir mais assimilação.

As várias teorias de ensino aprendizagem confere um novo perfil de educação e de como veem ou entendem esse processo. O construtivismo é a teoria mais em voga nos dias de hoje pelos pesquisadores e quem se dedica a área da educação. Necessário se faz então um aprofundamento desta teoria para um caminho de sua aplicação no campo de trabalho. É que será visto no próximo item.

3 A TEORIA DO CONSTUTIVISMO EM SALA DE AULA

Segundo Lakamony (2008), Piaget e Vygotsky foram os estudiosos que mais exerceram influência sobre a geração vindoura de pesquisadores da educação, dentre os quais se destaca Emília Ferreiro, a qual criou o método construtivista de ensino-aprendizagem. Neste sentido, a ótica do construtivismo não é em si uma teoria psicológica, mas, uma base explicativa, a qual

tem por objetivo a interpretação do processo ensino-aprendizagem na condição de modo ativo no qual o conhecimento é resultado da construção ativa do aluno.

Dentro da visão da construtivista o ser adquire o conhecimento no momento em que entende um conteúdo e constrói um objeto pessoal da realidade:

De acordo com a abordagem construtivista, o indivíduo aprende quando consegue apreender um conteúdo e formular uma representação pessoal de um objeto da realidade. Esse processo é determinado por experiências, interesses e conhecimentos prévios, que presumivelmente, possibilitam a compreensão da novidade. Desse modo, não só modificamos o que já possuímos, mas, interpretamos o novo de forma peculiar, para poder integrá-lo e torná-lo nosso. (LAKAMONY, 2008, p. 45).

Nesse sentido, percebe-se que a abordagem construtivista defende a visão de que existem fatores para a criança aprender determinado conteúdo. Esses fatores são os principais responsáveis pelo aprendizado, de forma que, é uma situação muito particular, ou seja, própria do educando que partindo de si e de seus interesses e do que já se conhece é que podem conferir desejo pelo novo conhecimento.

Como se pode observar, no construtivismo o aluno para aprender deve antes ter fatores que o motivem para ação reflexiva, a dimensão organizativa, a criatividade com relação às novas informações que lhe são dadas. O professor deve ser um mediador cuidando para que o educando possa criar suas próprias suposições e chegue às suas conclusões. Essas conclusões mesmo sendo equivocadas são importantes no processo de ensino-aprendizagem, de maneira que posteriormente, por meio de discussões, serão aprofundadas e debatidas. A interação da sala de aula é importante, dentro do contexto da aprendizagem e do ensino, em que os alunos são os agentes promotores de ideias e da comunicação com a sala, conferindo-lhe um sentido comunitário.

O docente ainda deve ter bom senso ao apreciar a etapa do conhecimento cognitivo do educando, para, desse modo, decidir quais aptidões ela possui ou não para trabalhar determinados conteúdos; é responsável ainda por dar incentivo para o educando de relacionar-se com todas as pessoas que estão dentro do meio no qual ele se encontra (escola) como maneira de gerar seu desenvolvimento cognitivo e estimular o uso da linguagem como forma de promover o progresso de seu conhecimento cognitivo.

É seguindo esta linha de pensamento do construtivismo como uma ação ativa no ambiente escolar que proporciona o desenvolvimento cognitivo do educando, assunto que será abordado no próximo item.

3.1 Apontamentos de ações do construtivismo para melhora do trabalho em sala de aula

O construtivismo como foi visto no decorrer da elaboração deste paper, é uma teoria que tem como meta o desenvolvimento cognitivo da criança ou educando, fazendo com que este, através de seu empenho, possa desenvolver sua capacidade de busca de soluções e de levantamento de hipóteses para se chegar à resolução de problemas por meio de suas conclusões e comentários sobre o meio em que está inserido.

Chakur, Silva e Massabni (2004) colocam que uma das coisas que diferencia o construtivismo de outras teorias é o trato que se dá ao fenômeno do *erro*, em que a correção deve ser dada numa situação que propicie a aprendizagem, jamais num ato de censura ou correção. Para os docentes, respostas que não estejam corretas estão erradas; para os alunos, respostas tidas como imprecisas representam o estágio de seu axioma sobre os conteúdos. Ao oposto de se dar uma atividade para os alunos para o quanto erram ou acertam, o docente pode conceder uma atividade e observar o que as crianças necessitam para finalizar o seu trabalho.

Piaget com relação ao tema do erro não deu um enfoque preciso, porém os estudiosos do construtivismo levam em conta o erro como possibilidade de observação do desenvolvimento do aluno:

Piaget não deu atenção ao erro escolar, mas alguns autores construtivistas consideram ignorância o erro ser avaliado em relação ao certo e não pensado na sua qualidade intrínseca. La Taille (1997) considera que os erros dos alunos podem dar pistas importantes sobre as capacidades de assimilação. Este autor afirma que a condenação sumária do erro pode significar um desrespeito à inteligência infantil. Isso acontece quando o adulto simplesmente ignora o que as crianças falam, interpretando suas idéias como tolices ou fantasias. Desprezando os erros presentes nas concepções infantis, o adulto poderá rebaixar a auto-estima da criança e também estará contribuindo para que ela abandone seus esforços espontâneos de reflexão (LA TAILLE, 1997, *apud* CHAKUR; SILVA; MASSABNI, 2004, p. 6).

Como se pode observar, para o autores, o fenômeno do erro dos educandos pode ser considerado como um ponto de partida para um melhor entendimento sobre as suas aptidões para o aprendizado e ao mesmo tempo orienta a não condenar o erro do aluno, o que em sua concepção é um desrespeito à inteligência do educando. O adulto ou docente que não valorizar a fala de das crianças, classificando como algo supérfluo, corre o risco de ser o responsável pela baixa autoestima, de forma que colaborará para desistência da criança na realização de atividades de meditação espontâneas.

Citando Carvalho (1997), Chakur, Silva e Massabni (2004) explicitam que quando se aborda o tema do fracasso escolar se tem em vista que é fenômeno somente do aluno, entretanto, defendem que o fracasso escolar não deve ser visto como fruto de um erro ou ainda de obstáculo à aprendizagem de conteúdo determinado. A verificação do professor de erro pelo aluno não representa necessariamente que não houve aprendizagem, ou que houve falha no processo de ensino aprendizagem.

Citando Ravagnane (2001), Chakur, Silva e Massabni (2004) colocam que o trabalho em grupo desprovido de orientação termina sendo usado como uma mera exigência da Secretaria de Educação, e citam a distribuição das cadeiras que hoje em dia é feita em forma de U. O que essa distribuição tem a ver com a teoria construtivista? Ravagnani responde que:

[...] teria, sim, a ver desde que a essa distribuição fossem associadas ações que favorecessem a construção do conhecimento. Os alunos estão simplesmente se sentando mais próximos e continuando a fazer individualmente seus trabalhos, às vezes sem nenhuma orientação dos professores, do mesmo modo que seus mestres se sentem perdidos, sem orientação da Secretaria de Educação' (RAVAGANANI *apud* CHAKUR; SILVA; MASSABNI, 2004, p. 7).

Como se pode perceber, a distribuição das cadeiras teria mais proveito se a intenção fosse de promover o trabalho coletivo dos educandos, porém, o que se percebe é que estes ainda continuam a realizar suas atividades sem orientação dos professores e de forma individual, em que os seus tutores se sentem inseguros sem ter uma orientação da Secretaria de Educação que seria a responsável por solicitar sugestões de trabalho. Piaget foi um defensor do trabalho em grupo como forma de se desenvolver a cooperação entre os alunos.

O construtivismo ainda tem como meta pôr em prática alguns dos grandes anseios dos estudantes das séries iniciais, a leitura e a escrita, ou seja, defende o *uso da cartilha* de modo a desenvolver esse objetivo prioritário no começo da vida estudantil. No tocante ao processo de alfabetização as colocações construtivistas de Emília Ferreiro são um verdadeiro marco, pois ela se configurou na grande representante dessa teoria em abordar a leitura e a escrita.

Contudo, na análise de alguns textos de Emília Ferreiro se observa que essa autora pondera como essencial o contato do educando com uma variedade de textos, o que pode propiciar uma melhor compreensão, principalmente, no que toca à função da escrita dentro da sociedade, em que se percebe que “a escrita é importante na escola, porque é importante fora dela” (FERREIRO, 2001 *apud* CHAKUR; SILVA; MASSABNI, 2004, p. 8).

Mais uma característica do construtivismo é de que o *professor deve ser um facilitador*, neste sentido, ele deve se colocar como um orientador e ao mesmo tempo motivador do educando em busca do estudo, tendo a competência de mediação entre o aluno e o conhecimento. O ensinar nesse caso não é um fator negativo, antes é uma forma de facilitar o processo de ensino-aprendizagem.

Na visão de Piaget (1994), o docente age de forma diferente, mas, tem sua relevância, pois o que modifica é o método do ensino. Para esse estudioso o conhecimento se forma a partir do diálogo, passando pela crítica, tendo perfil coletivo, em que essa vida coletiva com troca entre sujeitos, proporciona condições para se tornar o pensamento, lógico e objetivo. Desse modo, quando o professor confere a interação entre a crítica e o diálogo, ele também oferece qualidades para que os educandos possam desenvolver o seu conhecimento.

Nesse sentido, o ambiente escolar não deve jamais desprezar os conhecimentos cotidianos dos educandos, porém, deve ponderá-los, como partida para que possa o aluno modificar as suas ideias com o intuito de aproximá-las do conhecimento científico. Pensa-se que a situação escolar deve romper com o cotidiano, entretanto, o professor deve partir do conhecimento prévio do aluno.

Neste contexto se pode afirmar que:

[...] a educação não é apenas uma simples contribuição, que se viria a acrescentar aos resultados de um desenvolvimento individual ou efetuado com o auxílio apenas da família [...] a escola fica com boa parte da responsabilidade no que diz respeito ao sucesso final ou ao fracasso do indivíduo, na realização de suas próprias possibilidades e em sua adaptação à vida social [...] a evolução interna do indivíduo apenas fornece um número mais ou menos considerável [...] de esboços suscetíveis de serem desenvolvidos. Trata-se apenas de esboços, e unicamente as interações sociais e educativas haverão de transformá-los em condutas eficazes ou destruí-los para sempre. (PIAGET, 1977, p. 41).

Percebe-se na citação do autor que o processo educativo não é uma realidade apenas inerente à família, a escola na condição de instituição que tem por finalidade maior esse complemento e aperfeiçoamento da educação dada pela família que goza de grande responsabilidade, pois, ela é responsável por fornecer as probabilidades de progresso do conhecimento cognitivo do educando, sua interação com o meio e de estar ativo na produção do conhecimento com a comunidade e posteriormente com a sociedade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de ensino aprendizagem é bastante diversificado, em que essa diversidade muitas vezes propicia dificuldade no tocante ao seu entendimento. A aprendizagem, de forma geral, é confundida por boa parte dos educadores, pois, estes não conseguem captar o que se passa no íntimo do educando no momento em que este aprende. Fica claro, portanto, que existe uma situação complexa no que toca ao entendimento do processo de ensino aprendizagem. No entanto, este deve ser entendido como um processo dinâmico de mudança constante em que o educador deve manter-se atualizado.

O construtivismo tem uma visão diferenciada das teorias anteriores, nessa teoria se defende que existe uma relação entre o conhecimento que é apresentado com o conhecimento já existente, de maneira que proporciona novas formas de interpretação das informações que são apreendidas.

Nas contribuições do construtivismo para a prática docente ficou evidenciado que no processo de ensino aprendizagem o educando deve ter estímulos que o faça realizar o seu processo de conhecimento, para a investigação e a ação reflexiva. O professor, portanto, é um mediador que tem a diligência de que o educando crie suas suposições e conclusões próprias, mesmo equivocadas, pois, fazem parte do processo de ensino-aprendizagem.

Essa concepção também deve ser utilizada pelos que se dedicam ao estudo da Teologia, pois, da mesma forma que o educando tem o seu conhecimento prévio e deve ser agente de construção do seu conhecimento, se pode entender que no fenômeno religioso, eles também possuem a sua visão de fé e suas crenças, de modo, que os profissionais devem estar atentos a essa circunstância e aplicar de forma correta a construção de uma visão crítica do fenômeno religioso no âmbito social.

REFERÊNCIAS

CARRETERO, Mario. **Construtivismo e Educação**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CHAKUR, Cilene ribeiro de Sá Leite; SILVA, Rita de Cássia da; MASSABNI, Vânia Galindo. O construtivismo no ensino fundamental: um caso de Desconstrução. *In: Anped*, 2004. Disponível em: <http://27reuniao.anped.org.br/gt20/t203.pdf>. Acesso em: 25 maio

SKINNER, B. Frederic. **Ciência e comportamento humano**. Tradução João Carlos Todorov e Rodolfo Azzi. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LAKAMONY, Ana Maria. **Teorias cognitivas da aprendizagem**. 2. ed. rev. e atual., Curitiba: IBPEX, 2008. Disponível em: <http://xa.yimg.com/kq/groups/.../name/livro+de+teorias+da+aprendizagem.pdf>

MOREIRA, Marco Antonio; PALMEIRO, Maria Luz Rodrigues; SAHELICES, Maria Concesa Caballero (orgs.). Aprendizagem significativa: um conceito subjacente. **Actas del Encuentro Internacional sobre el Aprendizaje Significativo**. Burgos, España, p. 19-44. 1997. Disponível em: <https://www.if.ufrgs.br/~moreira/apsigsubport.pdf>. Acesso em: 25 maio 2023. <http://moreira.if.ufrgs.br/apsigsubport.pdf>. Acesso em: 25 maio 2023.

PIAGET, Jean. **Aprendizagem e Conhecimento**. São Paulo: Freitas Bastos, 1974.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: Imitação, jogo e Sonho Imagem e Representação**. Tradução: Álvaro Cabral e Christiano Monteiro. Rio de Janeiro: LTC, 1975.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** Tradução: Ivette Braga. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

POZO, Juan Ignacio. **Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SOUZA, Renato Rocha. Algumas considerações sobre as abordagens construtivistas para a utilização de tecnologias na educação. **Liinc em Revista**, v. 2, n. 1, p. 40-52, mar. 2006. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/3099/2793>. Acesso em: 14 mar. 2023.